

Dia a dia

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

 www.twitter.com/gazetadia_dia



Saia do campo das intenções.

Ainda dá tempo de cumprir as metas estabelecidas no começo do ano. Confira dicas para acertar seu alvo **■ PÁG. 14**

Sem oportunidade. Foi a vida sofrida que impediu a idosa de conhecer o mundo das palavras

Um sonho que não tem idade: aprender a ler e a escrever

Aos 74 anos, Cenelita Adami Justi supera o analfabetismo com o apoio de uma professora aposentada

VILMARA FERNANDES
vfernandes@redegazeta.com.br

■ ■ O sorriso que se abre após o desenho de cada letra é um sinal claro de que Cenelita Adami Justi está realizando o sonho de sua vida. Só agora, aos 74 anos, ela rompe as barreiras do analfabetismo. Deixa para trás a triste estatística do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que aponta para um grupo de mais 107 mil pessoas no Estado que tem mais de 60 anos e não sabe ler nem escrever.

Foi uma vida sofrida que tirou de Cenelita a oportunidade de conhecer o mundo das palavras. Nunca foi à escola porque seu pai temia que ela escrevesse cartas para um namorado que nunca teve. Com o tempo vieram o casamento, os filhos e uma rotina que não deu chance para seus sonhos. Hoje, ela vai às forras graças à ajuda de uma outra senhora, idosa como ela: Ida Amália Ramos Nicoláo, agora sua professora e amiga.

As aulas diárias acontecem num pequeno jardim, nos fundos da casa de Ida, em Vila Velha. Na prática, uma verdadeira festa, rogada a café, biscoito e muitas risadas. A alfabetização de Cenelita caminha lentamente. “Vou com tanta vontade que acabo ficando nervosa”, desculpa-se.



AULAS NO JARDIM. Com a ajuda da professora Ida Amália Nicoláo (à direita), as palavras usadas no dia a dia de Cenelita Adami Justi estão sendo redescobertas

sa”, desculpa-se. Mas quem vê suas mãos percorrendo o papel, sem nenhum tremor, percebe que apesar das dificuldades ela não tem dúvidas de que está trilhando o caminho que vai transformar a sua realidade. “Já sou uma outra mulher, que vê o mundo de outra forma”, conta.

DUAS REALIDADES

Na mesa, as realidades tão diferentes dessas duas senhoras embaralham-se e viram fonte de aprendizagem. Cenelita, além das dificuldades financeiras, sofreu com a violência doméstica. Já Ida conta que a vida foi generosa com ela. O pai foi fundador da Escola Agrotécnica de Santa Teresa – onde também lecionou –, foi feliz em seu casamento e na criação dos filhos e teve a oportunidade de viajar bastante.

Histórias que aparecem por trás das letras ensinadas e que ajudam Cenelita a descobrir um mundo muito além do que conhecia. Foi assim que soube, ao ser apresentada à letra I, da existência de uma casinha feita de blocos de gelo – um iglu – onde pessoas podem morar. “Quem diria!”, pontua Cenelita.

No final do dia, ao voltar para casa, ela põe em prática o que aprende. “Vou juntando os pedacinhos dos grandes letrados”. Sua única dificuldade tem sido o dever de casa. Como não conta com apoio familiar para seus projetos, raramente tem quem a auxilie com a tarefa. “Sem o reforço, fica mais difícil a memorização”, observa Ida.

Mas Cenelita não se importa ou reclama. Segue feliz e empolgada com a nova vida e já começa a acalantar novos sonhos. Seu objetivo agora é ter condições de, no final do ano, enviar cartões de Natal, escritos por ela, para todos os amigos. Sua meta maior, porém, será realizada no Convento da Penha, durante uma celebração. “Quero ler uma passagem da Bíblia.” Até lá essas duas senhoras, que muito já viveram, seguem juntas, ainda descobrindo que na vida há sempre tempo para ensinar e aprender.

“Cenelita aprende com as palavras de seu vocabulário. E com ela aprendo uma nova forma de ver o mundo”

IDA NICOLÃO, 77 ANOS
PROFESSORA APOSENTADA

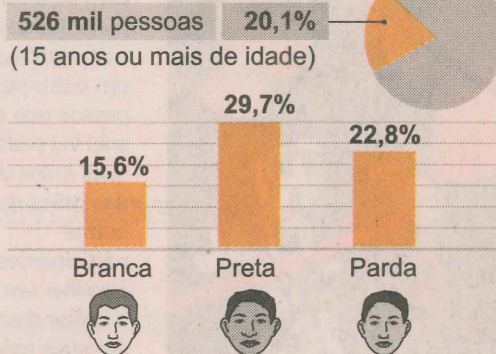
“Daqui a um tempo não vou precisar perguntar. Vou ler. É por isso que adoro a casa de Ida, onde encontrei apoio”

CENELITA JUSTI, 74 ANOS
ALUNA

O analfabetismo no Estado

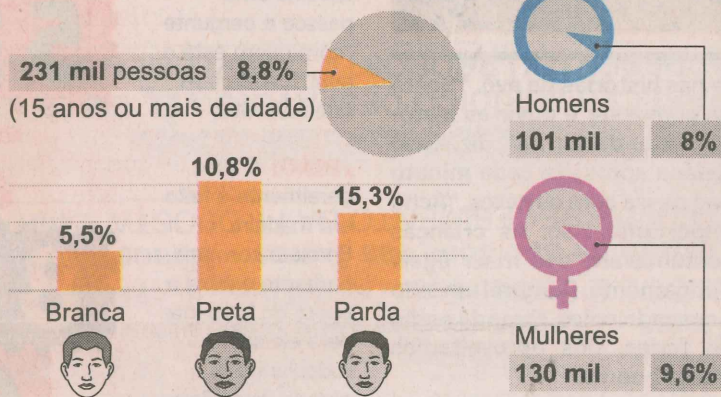
Funcional

Pessoas que só concluíram as três primeiras séries do ensino fundamental e não possuem domínio das habilidades de leitura, escrita, cálculos e ciências



Total

Pessoas que nunca foram alfabetizadas



Analfabetismo por faixa etária



Fonte: IBGE (Indicadores sociais de 2009 com dados da Pnad 2008) e Sedu A Gazeta - Ed. de Arte - Gilson

Uma trajetória de fé

A história de Cenelita Adami foi contada em matéria de A GAZETA, publicada durante a Festa da Penha

■ Foi por intermédio de A GAZETA que Ida Amália Ramos Nicolão, 77 anos, ficou conhecendo os sonhos de sua aluna, Cenelita Adami Justi. A reportagem publicada em abril deste ano, durante os festejos de Nossa Senhora da Penha, contava a história da devota cuja fé não conhece limites.

Todos os dias, ainda de madrugada, Cenelita deixa sua casa em Mata da Serra, na Serra, para participar das celebrações matinais do Convento da Penha. E, antes de retornar para casa, vai ajudar outros idosos a conquistarem a aposentadoria.



DESEJO. Sua única vaidade era ter acesso à educação

A única vaidade que alimentava era a vontade de aprender a ler. Foi o que mobilizou a filha de

Ida, a pedagoga Maria de Nazareth, e um amigo que prefere não ser identificado. “Um dia minha filha chegou a casa e perguntou se eu conhecia alguém que pudesse alfabetizar essa senhora. Na hora, respondi: ‘Eu!’”, conta Ida, professora aposentada.

Quando recebeu a notícia, a emoção tomou conta de Cenelita. “Chorei, chorei, chorei”. Mas hoje é só alegria. Nem os 12 ônibus que pega durante o dia para manter seus ritos diários – ir ao Convento e à casa de Ida – a desanimam. “É rapidinho”.

Sua empolgação é tanta que as aulas agora vão ser diárias. “E com direito a diretora brava”, brinca Cenelita, em meio a risadas, se referindo a pedagoga Maria de Nazareth. A mesma que, com os amigos, a presentearam com todo o material escolar.

Para os mais idosos, o caminho é a motivação

Apoio deve vir também do professor, que precisa estar atento ao conhecimento e às histórias dos alunos

■ Não há estudos que comprovem, mas a idade – com problemas de saúde, dedos mais rígidos e falta da coordenação motora fina – pode dificultar a alfabetização tardia. Mas nada que a motivação não possa derrubar. “Ela é o diferencial”, pontua Márcia Machado do Nascimento, subgerente de Educação de Jovens e Adultos da Secretaria Estadual de Educação (Sedu).

O que ajuda nesses casos é o estímulo do professor, que precisa estar atento às necessidades dos alunos. “São pessoas que já têm um conhecimento

adquirido, uma vivência. Sua alfabetização não pode estar distante dos seus interesses, de suas histórias, para não desmotivá-los”, observa Márcia.

Algo que Cenelita Adami Justi enfrentou na pele. Nas escolas em que se matriculou, os professores não conseguiam acompanhar o pique de sua motivação. O resultado foi uma aluna que perdeu o interesse pelas aulas, mas que nunca deixou morrer o sonho de vencer o analfabetismo. Hoje, com sua nova professora, encontrou espaço para incluir sua história no processo de aprendizagem.

Para pessoas como Cenelita, o caminho tem sido as salas de aulas criadas pelo programa “Educação é um direito”, da Sedu. É uma parceria: igrejas, associações de moradores, em-

presas, entre outros segmentos da sociedade civil, fornecem o espaço físico para a criação de salas para até 20 alunos, e a secretaria disponibiliza o professor e o material escolar.

Ao contrário das escolas formais, esses cursos não têm calendário e horários rígidos. As aulas são oferecidas até aos domingos, desde que se cumpram as 360 horas/aulas, em dez meses. O importante é que as pessoas descubram – pontua Maria do Carmo Starling, gerente de Educação da Sedu – “que educação é um direito ao longo da vida e que pode ser conquistado a qualquer tempo”. E, num país onde os avós acabam sendo responsáveis pela criação dos netos, a alfabetização pode, além de garantir melhores condições de vida, ser referência para os mais jovens.